

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

O uso do podcast na disseminação de informações étnico-raciais

Dávila Maria Feitosa da Silva

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri.

davillafeitosa@gmail.com

Rodolfo Gabriel Santana Ferreira

Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri.

gabrielsantana728@gmail.com



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhalqual 3.0 Brasil](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/).

Resumo

Trata do uso da ferramenta *Podcast* no campo da educação e comunicação social relacionando ao recorte de raça. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estão a cada dia exercendo um papel nas formas de interação, comunicação, formação e ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, adesão ao recurso do *podcast* tem evoluído nos últimos anos. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns programas que tratam de assuntos variados relacionadas às questões do povo negro. Considerando ser mais uma ferramenta de combate ao racismo. Por acreditar na contribuição informacional e educacional com temas considerados caros ao povo negro brasileiro, entende-se que o PodCast pode ser considerado uma fonte de informação que tem potencial de ser utilizada como recurso didático.

Palavras-chave: Informação étnico-racial. Produção intelectual negra. Aparatos tecnológicos. Podcast.

The use of the podcast in the dissemination of ethnic-racial information

Abstract

It deals with the use of the Podcast tool in the field of education and communication relating to race clipping. The Information and Communication Technologies - ICT are at all day playing a role in the forms of interaction, communication, training and learning. From this perspective, adherence the podcast feature has evolved in recent years. The objective of this work is to present some programs that address issues related to black people. Considering it is another tool to combat Racism. For believing in the informational contribution and educational with topics considered dear to black people it is understood that PodCast can be considered a source of information that has the potential to be used as a didactic resource.

Keywords: Ethnic-racial information. Black intellectual production. Technological apparatus. Podcast.

1 Introdução

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) juntamente com a internet tem transformado as formas de interação e de relacionamentos na sociedade. Variadas são as atividades profissionais que surgiram, outras que sucumbiram e algumas se adequaram à realidade das tecnologias. Aqui trataremos sobre o podcast que por definição é um formato radiofônico que pode integrar vários tipos de gêneros em um único formato de arquivo de áudio, com duração variável e integração sonora diversa.

O presente artigo tem como objetivo apresentar podcasts que tratam sobre relações étnico-raciais. Por um longo período a escassez de informações sobre a cultura africana e afro-brasileira foi uma realidade no Brasil. No âmbito educacional não foi diferente, o período escravocrata era o único tema tratado, os livros didáticos foram por muito tempo (e em algumas realidades ainda são) a única fonte informacional nas escolas, e retratavam os povos negros escravizados como pacíficos, submissos, feios, sem inteligência e aptos para realizar apenas serviços braçais. “É fato a carência de relatos, artigos científicos e os variados escritos correlatos produzidos por mulheres e homens negros/os” (SILVA; BERNARDINO, 2019, p. 153). Isso acontece por ter sido uma história escrita pelas mãos e o olhar do colonizador.

Com a dinâmica da globalização e o grande *boom* informacional motivado pelas TIC ligadamente com a internet, a produção e disseminação de informações acarretaram num fluxo informacional intenso, trazendo modificações na dinâmica social. Segundo Coutinho e Lisboa (2011, p. 5) trata-se de “[...] uma nova era que oferece múltiplas possibilidades de aprender, em que o espaço físico da escola, tão proeminente em outras décadas, neste novo paradigma, deixa de ser o local exclusivo para a construção do conhecimento e preparação do cidadão para a vida activa”.

Os artefatos tecnológicos e digitais passam a ser fontes de informação que contribuem no processo de construção do conhecimento, produção e disseminação de informação que podem exercer e promover aprendizagens. Nesse sentido, mulheres e homens negros têm utilizado dessas ferramentas para produzir conteúdos com as temáticas das relações raciais como temas centrais.

Com isto, este ensaio traz a reflexão em torno dos podcasts que tratam temáticas das relações raciais como uma fonte de informação que pode ser utilizada em formações, como material pedagógico de produção e disseminação de informações étnico-raciais, ou seja, é um artefato de pesquisa importante e que bibliotecárias (os) como mediadoras (es) podem inserir na prática profissional. Para uma melhor exposição, foi abordada primeiramente, a produção intelectual de negras e negros, a invisibilização historiográfica dessas produções; em seguida trata o podcast como uma fonte informacional, logo depois apresenta alguns podcasts que tratam da temática das relações raciais e por fim, as considerações finais.

2 Produção intelectual negra e seus processos de invisibilização

A produção intelectual da população negra sofre com o que Boaventura de Souza Santos denominou de epistemicídio. Epistemicídio pode ser descrito como o assassinato do conhecimento de alguém, de um grupo ou de uma comunidade. Nas palavras de Sueli Carneiro (2009 *apud* SANTOS, 2010, p. 4) “O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia, foi também um epistemicídio. Eliminaram-se povos estranhos porque também tinham formas de conhecimento estranhas. E eliminaram-se formas de conhecimento estranhas porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos”.

Neste artigo, será abordada especificamente a produção intelectual de negros e negras. A Lei 10.639/03 que obriga o ensino de história africana e afro-brasileira em escolas de ensino regular públicas e privadas abriu portas para reflexões profundas sobre a exclusão educacional no Brasil. “A morte da população negra ocorre antes do tiro”¹. A morte da população negra inicia ainda no período colonial e se perpetua até os dias atuais, sabendo que as produções intelectuais de negras e negros não são valorizados e sofrem com a invisibilização no âmbito educacional, nas suas diversas instâncias.

Dessa forma, a invisibilização da produção de negros e negras é uma condição real que afeta diretamente a autoestima dos povos negros. Pode-se afirmar que tal feito segue uma lógica permanente que inicia nos primeiros anos escolares até chegar ao âmbito acadêmico. Mesmo tendo uma ação efetiva dentro de suas comunidades como professoras, as mulheres negras são as mais afetadas nesse processo. Levando em consideração que atuação intelectual não necessariamente parte do âmbito acadêmico, o que se quer dizer é que nem todo intelectual é acadêmico, e vice e versa. Nesta linha de pensamento Bernardino-Costa (2018, p. 120) diz que “entendemos os intelectuais negros como os ativistas, professores, músicos, artistas, lideranças religiosas, poetas, enfim, todas aquelas pessoas capazes de construir uma homogeneidade e consciência de grupo para a população negra, bem como capazes de apontar os caminhos da resistência e da reexistência”.

¹ Declaração de KL Jay, Dj dos Racionais MC's, concedida ao portal Alma Preta e disponível em: <https://almapreta.com/editorias/realidade/epistemicidio-a-morte-comeca-antes-do-tiro> Acesso em: 29 nov. 2019.

Muitos e muitas são as figuras negras que há tempos vem contribuindo na luta para educação da população negra no Brasil. São protagonistas e intelectuais que não estão nas matrizes curriculares das universidades, no entanto, são indispensáveis para o entendimento das relações raciais no Brasil, que seguem exercendo suas funções e escrevendo para que seja possível mudar a realidade e a condição da população negra brasileira.

2.1 Podcast como fonte de informação

O rádio é uma fonte de informação que por muito tempo esteve presente na vida da população, sendo utilizada como um meio de atualização de notícias e de entretenimento.

Ainda podemos destacar que o rádio possui potencial democratizador que se alia simbioticamente com a afeição da linguagem oral criando assim um meio de comunicação poderoso, capaz de suprir as limitações que a linguagem escrita ainda proporciona aos que não a dominam integrando também as deficiências visuais ao público que a comunicação radiofônica abrange em suas ondas. (FERREIRA, 2017).

Nos últimos tempos as atividades relacionadas a informação ganharam importante relevância e novas formas de interação se adequando a globalização. Dessa forma, o podcast surge como uma tecnologia alternativa flexível, tendo em vista o uso de telemóveis para o acesso. Os usos dos podcast são variados, podem ser utilizados como entretenimento, no contexto educacional, cultural e outros.

Sobre a definição do podcasting Moura (2009, p.40) afirma que “trata-se de uma página na web que contém episódios versando assuntos muito variados (arquivos de áudio ou vídeo em formatos mp3, mv4)”. No entanto, há outras definições de podcasting, levando em consideração o seu uso através de telemóveis (telefone celular).

Um fator importante a ser levantado é a flexibilidade que a tecnologia *wi-fi* juntamente com as tecnologias de informação e comunicação causaram no que diz respeito à produção e disponibilização de conteúdos na internet através das tecnologias alternativas. Com esta compreensão é possível perceber a apropriação, ainda tímida, porém potente de podcast sobre as temáticas étnico-raciais. A próxima seção apresentará alguns podcasts que abordam assuntos relacionados as questões raciais.

2.1.1 PodCast e informação étnico-racial

Para iniciar esta seção é apresentado o conceito de informação étnico-racial para conhecimento e entendimento do tipo de informação é tratado neste artigo e nos podcast estudados.

[...] todo elemento inscrito num suporte físico, (tradicional ou digital), passivas de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana (OLIVEIRA, 2010, p. 56).

É um conceito que abrange variadas possibilidades informacionais, isso quer dizer, não limita a um tipo específico de documento, considerando também as informações étnico-raciais difundidas no podcast.

O podcast a ser apresentado é o Diálogos Pretos, lançado pelo Notícia preta que é um portal de jornalismo colaborativo que tem a finalidade de reportar notícias de maneira humanizada, responsável e antirracista.

Figura 1 - Identidade visual do Diálogos Pretos.



Fonte: Notícia preta (2019).

O funcionamento do Diálogos Pretos acontece a partir de entrevistas com especialistas, ativistas de um determinado tema e é discutido o assunto, utilizando-se também do pensamento de teóricos e pesquisadores. O Diálogos Pretos possui atualmente 5 episódios disponíveis. A saber: Negros são mais de 75% das vítimas de homicídio; Necropolítica: quando não mata, deixa morrer; Saúde mental da população negra; Ser trans no Brasil; Mulheres Negras na política.

Abaixo são apresentados 4 episódios e suas respectivas descrições e análises para que seja possível perceber e compreender o tipo de informação que são produzidos pelo PodCast aqui estudado.

1. **Negros são mais de 75% das vítimas de homicídio.** Publicado em 09 de setembro de 2019, com um tempo de 35 minutos, sua descrição é a seguinte:

“O Brasil registrou mais de 75 mil mortes em 2017, segundo o Atlas da violência. O IPEA indica que 75,5% das vítimas eram negras”.

O episódio traz dados do Instituto de pesquisa econômica aplicada – IPEA e do Forum Brasileiro de Segurança Pública através do Atlas da violência que é uma publicação que faz um registro dos casos de óbito, retirados no sistema de saúde. E a partir desses dados são demonstrados o quantitativo de mortes da população negra. Samira Bueno diretora executiva do Forum aponta que a maioria das mortes são de pessoas negras, o que é possível afirmar que a violência racial é um dos maiores fatores e perigos que afetam a população negra no Brasil, aponta também que Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e Sergipe são os Estados do Nordeste mais violentos para a população negra. Afirma que pensar políticas de diminuição da violência letal precisam necessariamente de operações focalizadas na população negra, tendo em vista ser a mais vulneráveis a violência. Levando em consideração os casos de feminicídios que afetam fortemente as mulheres negras, em relação as mulheres brancas.

Foi entrevistado também o Coronel e ex comandante geral da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Ibis Pereira. O Coronel destaca que o dados apontados pela pesquisa não são por acaso, trata-se de um fator histórico de longa duração, ou seja, são consequências advindas da colonização e do processo de formação do Brasil, “da matriz econômica que foi a escravidão e a violência, portanto, por que a gente pensar uma sociedade escravocrata, é pensar numa sociedade fundada a partir tanto da violência, como do racismo”. Dessa forma, faz pensar que o racismo é um componente que favorece e serve como justificção da violência contra a população negra. Frisou sobre a letalidade policial, que não integra a população preta e pobre e não faz uso de suas atribuições como deveria, agir na promoção da dignidade da pessoa humana, sabendo que faz parte do Estado. Frisa que o crime não compreendido pelo aspecto socio-político, dessa forma não é pensado o seu combate através de políticas de estrutura. Portanto, segundo Thaís Bernardes, fundadora do notícia preta e um das idealizadoras do diálogos pretos diz que o racismo é parte integrante de todas as formas de exploração. A população negra é majoritária no Brasil, e é maioria fora da escola, é maior parte nos presídios, é maioria a viver a margem, como também é maioria a morrer pelas mãos do Estado.

2. **Necropolítica. Quando não mata, deixa morrer.** Publicado em 29 de setembro de 2019, marcando um tempo de 52 minutos.

O caso da menina Agatha Félix no último dia 20 nos fez refletir sobre a influência do estado de direito de viver e morrer dos cidadãos.

O episódio trata sobre Necropolítica e sobre o caso de assassinato de Agatha Felix, menina negra de 8 anos morta por um tiro de fuzil no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro disparados por policiais. Dessa forma, é preciso entender o que necropolítica tem em relação a morte de Agatha. Achille Mbembe é um filósofo, historiador, teórico político, professor universitário do Camarões conceitua necropolítica como o uso do poder social e político para determinar quem deve viver e quem deve morrer. Tendo em vista que quem exerce poder para isso é o estado, que administra os setores relacionados a saúde, moradia, emprego, educação e segurança. Quando os direitos básicos da população são negligenciados o estado está determinando quem deve viver, e quem deve morrer. Portanto, quando a polícia mata ela está exercendo a necropolítica, e ainda mais o exemplo real que aconteceu no estado do Rio de Janeiro, quando o atual Governador do Estado, Wilson Witzel que dar aval para o extermínio quando diz que “a polícia vai mirar na cabecinha e fogo”. Após a morte de Agatha o então governador afirma que usuários de drogas são os responsáveis pelas mortes que são recorrentes nas comunidades. O que se pode afirmar é que a polícia não atua como deveria, em suas atribuições como dita no episódio anterior pelo Coronel Ibis Pereira agir na promoção da dignidade da pessoa humana. O episódio apresenta uma fala emocionada e penetrante da Vanessa, mãe de Agatha, que enfatizou o quanto a educava, e fazia para proporcionar a sua filha uma vida digna. Porém, no Brasil, a polícia é preparada para matar pobres e pretos. Isso quer dizer que a necropolítica funciona como um projeto político com ação efetiva.

3. **Saúde mental da população negra.** Publicado em 13 de outubro de 2019, com duração de 34 minutos

Saúde mental da população negra by Notícia Preta

Apresenta as consequências do racismo na saúde mental da pessoa negra. Expõe um levantamento de 2016, divulgado em 2019 do Ministério da Saúde e da Universidade de Brasília que diz que a cada 10 jovens que se suicidam no Brasil, 6 são negros. Uma das convidadas para falar sobre o assunto foi a Psicóloga Lívia Marques que aborda sobre o racismo ainda na infância, no ambiente escolar onde é evidente a exclusão a partir das brincadeiras; cita também um teste sobre o efeito do racismo em crianças, o teste é feito com meninos e meninas não brancas e bonecos brancos e pretos, eles e elas respondem com quem se parecem, todos e todas se reconhecem com bonecos brancos, indentificando o boneco preto como mau e feio. Ou seja, já na infância é ensinado e mostrado para crianças que ser negro é ruim. Trata de um pensamento colonialista, que faz parte da realidade da população negra desde o período escravocrata. Na adolescência a solidão de amigadas, de afetividade amorosa fica ainda mais forte, causando baixa autoestima que vai se intensificando com o passar dos anos.

O mito da democracia racial que atinge fortemente o pensamento de uma grande parte da sociedade mascara muitas formas de violência e racismo, justificada na mestiçagem, de que no Brasil é difícil dizer quem é negro e quem não é negro, que todos somos racialmente misturados e dessa forma, somos todos iguais. A escola que pode ser considerada o primeiro espaço social de uma criança, lugar este que atua na construção crítica, pessoal, criativa dos indivíduos deveria atuar de maneira mais consciente e aberta sobre tal assunto. Em 2017 segundo o Atlas da violência a taxa de suicídios para cada 100 de jovens brancos, 145 suicídios de jovens negros.

A psicóloga Ellen Senra foi convidada para falar sobre as consequências do racismo na vida adulta, ela cita alguns efeitos como inseguranças, sensação de não pertencimento, tristeza, falta de confiança no futuro que podem causar depressão, transtornos diversos de ansiedade. Ellen afirma que os poucos homens negros que procuram auxílio psicológico não se enxergam com um potencial de liderança, é objetificado pelo corpo sedutor. Já no caso da mulher negra, que na maioria das vezes não viveiam relacionamentos amorosos causados pelo preterimento de seus corpos, quando não é a mulata boa de samba, é a empregada doméstica, mas nunca, a mulher ideal para relacionamentos. No episódio também é demonstrado o

pensamento de intelectuais importantes que abordam aspectos da identidade e afirmação da negritude como Florestan Fernandes, Frantz Fanon e Neusa Santos Souza. A Neusa Santos Souza escreveu a obra “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”, neste livro a autora diz que:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (SOUZA, 1983, p. 77).

Não tendo representações positivas para construir uma identidade positiva, o homem negro e a mulher negra segundo a autora passa a buscar ascensão social como uma forma de alimentar o ego, ego esse, inspirada no ideal da branquitude. Dessa forma, a Neusa Santos diz que ser negro é tornar-se negro.

4. **Ser trans no Brasil.** Publicado em 3 de novembro de 2019, com um tempo de 32 minutos.

De acordo com um levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), feito em conjunto com o Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), 163 pessoas trans foram assassinadas no País no ano passado. Segundo o relatório, os alvos desses crimes têm cor e idade: 97% são travestis e mulheres trans, 82% são pretas ou pardas e 60, 5% tem entre 17 e 29 anos. Apesar de o número de mortes em 2018 ser inferior ao registrado em 2017, quando ocorrem 179 casos - o maior índice em 10 anos -, houve um aumento no número de crimes não noticiados pela mídia. Cerca de 30% dos 163 crimes cometidos no ano passado não foram noticiados em nenhum veículo de comunicação. A Antra afirma que encontrou notícias de que apenas 15 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 9% dos casos.

O programa trata sobre a realidade das transexuais no Brasil, o tema conta a parceria de Daiane Oliveira, jornalista e colaboradora do Notícia Preta, em Salvador. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA juntamente com o Instituto Brasileiro Trans de Educação tras um levantamento que indica que 163 pessoas trans foram assassinadas no Brasil em 2018, segundo relatório os alvos tem cor e idade, 97% são travestis e mulheres trans; 82% são pretas e pardas e 60, 5% com idade entre 17 e 29 anos. Convidada para falar Maiara Fafini é psicóloga, mulher trans que atua no Comissão Estadual dos Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio. Questionada com duas perguntas, a primeira foi o que significa ser uma pessoa trans? E a seguinte como elas estão inseridas na sociedade. Como resposta a Maiara responde da seguinte maneira:

Eu volto a pergunta, o que significa ser uma pessoa cis? Ou seja, o que significa ser uma pessoa não trans. Porque geralmente a gente ocupa um lugar muito confortável, de normalidade no mundo, né? Essa pergunta o que significa ser uma pessoa cis, ela poderia muito bem se aplicar a qualquer pessoa, inclusive as pessoas trans, por exemplo, eu, Maiara não sou uma pessoa cadeirante, então vem para mim a pergunta, o que significa ser uma pessoa não cadeirante? Para mim, Maiara que sou uma pessoa trans? É um desafio! É um desafio assim para as pessoas cis, é um desafio se perguntar o que significa ser uma pessoa não trans.

E eu digo que é um desafio porque quando eu faço essa pergunta para vocês, o que significa ser uma pessoa cis? Vai questionar na gente, quanto em mim, como em vocês, no caso em vocês como pessoas não trans, e para mim com outras questões que não fazem parte de minha vida vai questionar aquele lugar da normalidade, do sujeito normóide, ou seja, existe um sujeito normal, existe um sujeito ideal e satélite a isso, ou seja, como se fosse satélites girando em torno do normóide, existem as figurinhas marcadas – a mulher, a figura do negro e da negra, trans, população de rua, indígenas, pessoas com deficiência. Então, eu acho que a pergunta é muito mais essa o que significa ocupar esse lugar de normóide?

A segunda pergunta é: como essas pessoas estão inseridas ou não na sociedade? Aqui eu queria usar um exemplo que eu gosto utilizar pegando um exemplo da professora e psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus que também é uma colega trans, ela fala das castas indianas. Na Índia tem um sistema que foi por muito tempo, e ainda tem e ainda é, assim como no Brasil não é muito diferente dividido em castas, dizem que da cabeça de Brahma surgem os brâmanes, que são os sacerdotes, os pensadores, os filósofos, as pessoas que estão mais próximos do deus. E um deus masculino é interessante reforçar a figura do deus – homem e não de uma deusa, então dizem que dos braços do deus Brahma vieram os xátrias, os soldados, mas não os soldados lá debaixo, os soldados que têm poder, os generais vamos dizer assim.

Das pernas de Brahma vieram os vaixias que eram os comerciantes, que eram camponeses, que eram os artesãos. Ai a gente pensa, gente ainda tem alguma coisa mais pra baixo? Tem! Dos pés de Brahma vieram os sudras, quem eram os sudras? – os servos, os escravos, ai você pensa então já chegou no final! não, não chegou! Então existe uma classe que fica abaixo, que não faz parte do corpo de Brahma que é o chão onde Brahma pisa, desse chão fazem parte os dalits, os intocáveis, os dalits ocupam esses lugares na Índia, que

são os lugares das pessoas execráveis da sociedade. E aqui até o final do século passado era o que eram as pessoas trans, as travestis, vamos dar os nomes. Aqui no Brasil existia travesti, nem era pessoa trans. Então é isso a nossa inclusão é essa, era essa, não só nossa, a população em situação de rua também fazia parte dessa casta, dos intocáveis, dos dalits, daquelas pessoas de que se um dia forem assassinadas para a sociedade normóide ótimo, menos uma criatura intocável dessa, que realmente as pessoas não podiam tocar nela se quer. Então eu acho que é isso!

Após a resposta da Maiara a Thaís Bernades faz uma análise da sua fala ressaltando um termo cunhado pelo Pierre Weil chamado de normose explicando ser é um conjunto de normas, padrões e hábitos de pensar e de agir que são seguidos por uma maioria numa determinada sociedade. Weil em seu livro intitulado Normose: a patologia da normalidade afirma que tais hábitos considerados normais, são na verdade patogênicos que trazem às infelicidades e às doenças. Trazendo para a realidade das mulheres trans no Brasil que não são vistas como normais, sofrem com a criminalidade dos seus corpos em espaços considerados não seus, as colocando numa situação de miserabilidade e vulnerabilidade. Paola Valentina Xavier é produtora cultural no Museu da Diversidade Sexual, em São Paulo discursa sobre o que é ser uma pessoa trans.

Ser trans é ser um rótulo. É um rótulo que a sociedade nos coloca, rótulo que ela faz questão de afirmar, porque nos consideramos homem e ou mulher, mas a sociedade insiste em nos rotular em homens trans e mulheres trans. É difícil você pensar na sua existência enquanto corpo trans, enquanto corpo travesti, porque as barreiras e as dificuldades são tão grandes que a gente começa a refletir porquê de tanta intolerância? Por que de tanto preconceito? Por que existir e resistir tanto como temos que fazer em nossas vidas? É interessante a gente pensar que ser trans em um país que mais mata mulheres trans e travestis é um desafio diário. Eu saio da minha casa hoje, porém não sei se volto, eu tenho sonhos, mas a sociedade me bloqueia desses sonhos, eu tenho expectativas, mas a sociedade me joga a margem dessas expectativas que pra mim é proibido, eu sou um corpo proibido, eu sou o corpo que é mais desejado, mas também sou o corpo mais proibido.

E nós temos uma sociedade que mais mata pessoas e mulheres trans e temos a sociedade que mais consome pornografia trans sexual, temos que falar na nossa existência num grau de complexidade, num grau de sofrimento e num grau de luto, porque é uma comunidade que sofre, em toda essa sopa de letrinhas LGBT, a classe "T" é a que mais sofre e quando a gente para e reflete que sofremos pelo simples fatos de ser quem somos é tão difícil, é tão triste, porque nós enfrentamos a tudo e a todos a todo momento, somos corpos livres, somos pessoas livres e eu costumo dizer algo que sempre acredito pessoas bem resolvidas não tem problema com a sexualidade de ninguém, ela não tem problema com a sua identidade de gênero, ela não tem problema com a sua orientação sexual, ela não tem problema com a questão racial, ela não tem problema.

Mas a gente vive num país totalmente retrógado, num país arcaico, em que apontar o outro faz com que essa pessoa se torne lisonjeada, que essa pessoa tenha esse prazer, que tenha esse sentimento perverso dentro de si. Então quando eu falo da questão trans, eu falo de mim, eu falo da minha vida, dos meus medos e dos meus anseios e preocupações com toda nossa comunidade. Estamos evoluindo num ponto de visibilidade, temos muito para seguir, temos muito a conquistar e nossos corpos terão sim voz! Nossos corpos serão ascensão! Nossos corpos serão empoderados! E seremos pessoas que iremos revolucionar a história desse país. Ser trans é ser um orgulho, é pensar que a luta vale a pena, é pensar que a nossa causa nos motiva a todas as outras causas, e é isso que nos faz feliz.

Thaís Bernardes faz um questionamento sobre termos abordados pela Paola que são as expressões: livre e proibido, analisando os significados de ambos podemos afirmar que é urgente que se faça o uso de políticas públicas para as pessoas da classe "T", ou seja, travestis e transexuais para que sejam garantidos direitos a essas pessoas que vivem numa realidade de massacre físico, psicológico e moral. Ainda neste programa foi convidada para falar sobre ser mulher trans e negra no Brasil, Maya Scheneyder.

Eu sou Maya Scheneyder, tenho 28 anos, sou mulher trans, negra, moro na zona sul de São Paulo. Ser mulher trans, negra sempre foi um desafio, pois a gente já nasce carregando dois viés inconscientes que são alvo de negativismo na sociedade, você é uma mulher negra e você é uma transexual, logo você não é aceita por ninguém, e todos os lugares que a maioria das pessoas que você conhece tem a discriminação estampada e dita, porque ser uma transexual no Brasil é infelizmente para a maioria das pessoas é taxado como pessoas de má índole, e você discriminada e marginalizada, e quando você é negra isso dobra, porque no mundo infelizmente, no Brasil na verdade, os negros só são lembrados, bem lembrados quando são maioria das populações nos complexos, nas favelas e nos presídios.

Aí você imagina, você é uma mulher trans marginalizada e as pessoas acham que você é ex-presidiária, que você não é uma boa pessoa, então você não é bem-vinda. Eu sinto esse duplo preconceito a todo momento, a todo instante. Você tem que ficar sempre provando para as pessoas quem você é, como você é, você não pode fugir desses protocolos porque se não as pessoas sempre vão lembrar, ta vendo? eu falei! Elas ficam esperando e elas criam uma situação pra que você compadeça e que você possa cair nesse lugar, para que

elas tenham essa autoafirmação de que é a marginal, de que você não presta. Você tem que ter um cuidado em dobro, você tem que ser a melhor das melhores, porque se não você não é bem-vinda. Me sinto péssima nessa sociedade machista, pouco pluralista, muito preconceituosa e racista.

As pessoas acham que me convencem, o preconceito é estampado a partir do momento que as pessoas já desculpem, ou já se apontam, porque a pessoa que vira pra mim e diz seja bem-vinda! eu não tenho preconceito. Ela tem! (...). Positivamente é que eu sempre tive oportunidade de ter trabalhos formais, venho de uma família simples, mas eu ainda não consegui uma formação acadêmica já transitei um três faculdades, almejo uma graduação porque acho importante como projeto de vida pessoal, cidadã e pra ter uma recolocação no mercado formal de trabalho porque é importante. Graças aos Deuses eu saio desses 3,3 milhões de pessoas que estão desempregadas no mercado formal de trabalho, acabei de ser contratada por uma grande empresa que tem um repertório bem inclusivo.

Após a fala da Maya apresentada acima, a Daiane Oliveira faz uma análise apontando os marcadores de opressão que são percebidos no discurso de Scheneyder, tendo em vista que quanto mais marcadores de opressão um indivíduo apresentar, mas discriminado será. No caso da Maya trata de uma Transexual negra.

Por fim, é colocada a fala da Dandara Oliveira, mulher trans, negra, ribeirinha que aborda as especificidades e realidade das mulheres trans na Região Norte do país.

Eu sou Dandara Oliveira, faço parte do Coletivo Amazônico LebiTrans que é um coletivo que trabalha o empoderamento de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais na região Transamazônica e Xingu. Sou mulher preta, transexual e hoje estou aqui para falar da realidade das mulheres transexuais, desses corpos transexuais na Região Norte e chamar atenção para os ativistas, para a comunidade acadêmica, para a população em geral, que temos que dá atenção para certas especificidades das mulheres transexuais que vivem na Região Norte. Porque nós somos extremamente estigmatizadas pelo imaginário hetero normativo pelos nossos corpos, são corpos que misturam o profano com o proibido e o impossível em um corpo só.

Dandara aponta aspectos importantes no tocante das políticas públicas, da invisibilidade das Trans na região onde vive, como também aborda aspectos da identidade e relação de algumas delas no cultivo, na pesca, trazendo reflexão de sua existência para além da urbanidade que é o lugar onde foi colocado como sendo específico para a comunidade trans, tendo em vista a marginalização e mercantilização dos seus corpos.

3 Considerações Finais

O podcast podendo ser definido com um programa de rádio contendo a particularidade de ser gravado em extensões mp3 ou mp4, ou seja, em formatos digitais que permitem ser armazenados em computadores e disponibilizados na internet, segundo Barros e Menta (2007). Dessa forma, é possível dizer que se trata de uma ferramenta informacional que pode ser consultada/ouvida de maneira flexível e como aparato pedagógico em ambientes educacionais e de formação profissional ou não. É um instrumento flexível que pode ser utilizado em sala de aula, como também pode ser disponibilizado online em ambientes informacionais e de pesquisa como bibliotecas. É possível fazer o download dos áudios e salvá-los de forma simples, isso quer dizer que mesmo offline é possível ter acessos a conteúdos dos podcasts.

Neste artigo apresentamos o podcast do Diálogos Pretos que trata de assuntos diversos sobre a população negra no Brasil. Foi possível observar a partir das análises a confiabilidade e segurança nas informações disseminadas pelo portal. Com isso, tendo conhecimento e cumprindo com a responsabilidade de propagar de maneira responsável a situação da população negra no país, além de contribuir para o cumprimento da Lei 10.639/03 que obriga o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no ensino regular público e privado, é possível dizer que o podcast estudado pode ser um aparato pedagógico dentro de ambientes educacionais. A biblioteca sendo um local de ensino e pesquisa pode inserir o podcast como fonte de estudo e pesquisa no ambiente educacional básico e superior. “A flexibilidade espacial e temporal, a nível da gestão individual dos momentos e espaços de aprendizagem, é um dos contributos que o podcast vem a trazer ao cenário educativo”. (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 156).

É importante pensar também que essa é que uma ferramenta que pode ser inserida nas práticas educacionais de produção e disseminação de informações pelos estudantes, professores, ativistas. Utilizar-se de um mecanismo de fala e de escuta para o processo de ensino-aprendizagem nos mais variados ambientes de formação e educação. Voltando o olhar para a invisibilização da produção intelectual da população negra e do processo histórico de silenciamento de suas vozes, poder

utilizar-se de mais um mecanismo de produção informacional que possui um alcance significativo é mais um artefato de combate ao racismo e as diversas violências correlatas.

Referências

- BARROS, Gílian Cristina; MENTA, Eziquiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. **Revista Eptic on line**, v. 9, n. 1, jan./abr. 2007. 14 p. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/217> Acesso em: 29 nov. 2019.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. *Revista Sociedade e Estado*, v. 33, n. 1, p. 119-137, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v33n1/0102-6992-se-33-01-117.pdf> Acesso em: 29 nov. 2019.
- COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação do século XXI. **Revista de educação**, Vol. XVIII, n° 1, 2011, p. 5-22. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14854> Acesso em: 29 nov. 2019.
- FERREIRA, Rodolfo Gabriel Santana. **Sementes de uma reforma agrária do ar**. 2017. 45 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2017.
- MOURA, Adelina. O Telemóvel para ouvir e gravar Podcasts: exemplos no Ensino Secundário. In: Encontro sobre Podcasts, 2009, Braga. Actas [...]. Braga: Universidade do Minho, 2009. p. 39-64. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/handle/11328/479> Acesso em: 29 nov. 2019.
- MOURA, Adelina Maria Carreiro; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. In: CONFERENCE ON MOBILE AND UBIQUITOUS SYSTEMS, 3., 2006, San Jose, Califórnia. [Anais]. San Jose, Califórnia: Institute of Electrical and Electronics Engineers, 2006. p. 155-158. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/handle/11328/476> Acesso em: 29 nov. 2019.
- NOTÍCIA PRETA. **Podcast**. 2019. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/category/podcast/> Acesso em: 29 nov. 2019.
- OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Afrodscendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito etnicorracial ao projeto “A cor da cultura”. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- SANTOS, Jaqueline Lima. **A produção intelectual das mulheres negras e o epistemicídio**: uma breve contribuição. 2010. Disponível em: http://www.institutobuzios.org.br/documentos/Jaqueline%20Lima%20Santos_A%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Intelectual%20das%20Mulheres%20Negras%20e%20o%20Epistemic%C3%ADdio.pdf Acesso em: 29 nov. 2019.
- SILVA, Dávila Maria Feitosa da; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Informações étnico-raciais: um olhar sobre a produção de YouTubers negras. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês de; LIMA, Graziela dos Santos. **Bibliotecári@s negr@s**: informação, educação, empoderamento e mediações. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 152-181. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1MrMK_o1qjX4VIN5ZS0tW2pwDScHlsmD/view Acesso em: 29 nov. 2019.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

Artigo submetido em: 30/11/2019.
Aceito em: 29/12/2019.



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia



Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.